



**Carnaval 1985**

**Tema de Enredo: “ABRAM ALAS À CHIQUINHA GONZAGA”**

**Montagem: Marco Antonio**

Neste mês – Fevereiro, 1985, completa-se o cinquentenário da morte de uma musa, a maior mulher que já pode existir, lutando pelos seus ideais: A musicista: Francisca Edwiges, mais conhecida como “**Chiquinha Gonzaga**”.

Hoje, por muitos, ela já é esquecida, mas nós vamos lembrar um pouco de sua vida e obras.

Nasceu no lar do Marechal de Campo José Basileu Neves Gonzaga e dona Maria de Lima Gonzaga, no bairro aristocrático do Velho Rio, a 17 de outubro de 1847. Falava várias línguas e tocava muito bem piano desde criança. Aos treze anos de idade, conforme tradição, foi-lhe escolhido um noivo, filho de um rico comendador, que lhe proibiu de fazer o que mais gostava, tocar piano. Rompeu com aquela união, por isso as portas se fecharam para ela. Traçou na vida abnegação e sacrifício. Poderia deslizar sobre rosas, mas preferiu caminhar sobre espinhos, para alegrar três gerações com melodias e ritmos. Decidiu: sua vocação estava na música e não no casamento.

Em 1877, recebeu encomendas para musicar poesias, compor valsas ou escrever polcas. Em uma celebração a ela (Chiquinha), estavam presentes diversos músicos de fama: Joaquim Callado, o maior flautista brasileiro, Patola Saturnino e outros.

Chiquinha senta-se ao piano, e uma polca atrai os vilões. Os músicos acompanham organizando um choro arrebatador. Com a música atraía os curiosos, e, ali mesmo, recebeu o título de “Atraente”. Esta era a polca da moda.

Procurando aperfeiçoar os conhecimentos musicais, havia um único meio de maiores e arriscadas realizações: O TEATRO.

Conseguiu que Arthur Azevedo lhe entregasse a peça “*Viagem ao Parnasso*” para musicar. Em 1883, “A Festa de São João” que ficou inédita.

A luz das ribaltas a fascinava, setenta e sete partituras para teatro foram escritas, e entre operetas, buletas e revistas de ano. Cerca de suas mil peças avulsas, entre haberanas, polcas, quadrilhas, tangos e maxixes. Suas músicas eram tocadas nos bailes da cidade, cafés, assobiadas pelas ruas, cantaroladas nos serões familiares. Foi boêmia, republicana, abolicionista ao lado de José do Patrocínio. Grande amiga de Olavo Bilac, Nair de Teffé e do poeta Osório Duque Estrada.



## Carnaval 1985

### Tema de Enredo: “ABRAM ALAS À CHIQUINHA GONZAGA”

Em 1885, realiza a sua primeira festa de autora. A peça para a récita foi “A filha de Guedes”, no Teatro Recreio Dramático.

Havia uma surpresa: pela primeira vez uma mulher regia uma orquestra, era a banda da Polícia Militar. Já era pianista famosa e grande compositora, e daí por diante, a primeira maestrina brasileira.

Em 1887, Chiquinha colaborou de forma original à Machado Careca, na peça “A Zizinha Maxixe”, com suas músicas: “O Gaúcho”, “DANÇA DO CORTA JACA”, usada pela nossa gente do interior. Essa música quente e requebrada, celebrava a peça e enriquecia a autora. Ela caricaturava sonoramente os quadros nacionais, principalmente, os da vida carioca.

De parceria com Viriato Corrêa, compôs “A Sertaneja” (1915), “Juruti” (1919) e uma opereta (1933).

Criou um ritmo jocoso, sincopado, que traduziu a gíria carioca. Era o “O FORROBODÓ”, que era uma burleta de costumes cariocas. Estreou-a em 11 de Junho de 1912, e o sucesso foi estrondoso. A peça teve 1.500 representações.

Foi ela que, ao introduzir na polca elementos musicais, mais tarde identificados no MAXIXE e no SAMBA, fixou a melodia carioca no ritmo brasileiro. Deu música própria ao carnaval, quando, em 1850, os bailes inauguraram-se. A princípio não havia música de carnaval, nem para os primeiros cordões sendo que bem mais tarde os cordões cadenciam suas evoluções com música própria.

Aproximava-se o Carnaval de 1899, defronte a casa de Chiquinha Gonzaga, os ensaios dos cânticos e danças em barulheira infernal. Era o cordão ROSA DE OURO. A comissão do cordão, com fraques pretos, colarinhos altos e chapéus de coco, vinham pedir à Chiquinha que fizesse a música para o cordão. Como ela nada podia negar a ninguém, pôde compor o famoso “Ô ABRE ALAS”, sendo de muito sucesso naquele carnaval e em muitos outros. Morreu em 1935, logo após completar 50 anos de vida artística.

A suave velhinha, que morreu aos 88 anos, teve um dos gestos mais heróicos no tempo de sua mocidade, quando a mulher era escrava de toda sorte de preconceitos e asfixiada em suas aspirações mais inocentes. Se Pedro I não tivesse nascido muito antes, caberia à Dona Chiquinha Gonzaga o grito de “INDEPENDENCIA OU MORTE”...